

O francês e o turista

(par. J.N.)

DN 15.10.65

## RECADO DE PARIS

Paris, setembro — Jacques de Lacretelle dá conselhos aos estrangeiros (seu artigo parece dedicado mais especialmente aos saxões) sobre a maneira de tratar, ou "modo de usar" os franceses.

Confessd que o francês está sempre pronto a criticar a maneira de proceder de um estrangeiro. "O comportamento de um inglês à mesa é para ele como uma censura muda, mas continua, e ele prefere dizer que o inglês é afetado, e zombar d'ele. A disciplina do suíço e do belga, a maneira seria das raças germânicas, ele as julga tolas ou pesadas. E quando vê um grupo de americanos rindo alto reclama contra a falta de educação".

Aconselha o estrangeiro a endereçar um sorriso a esse observador impertinente, ~~para sempre~~. Elogiar também a cozinha francesa, embora então a gente se arrisque a ouvir esta pergunta: "como é que você conhece tão bem o que é estrangeiro?" O melhor então é inventar uma vó na Borgonha ou da Gasconha. "Tudo se explica — dirá então alguém. Ele tem sangue francês". E é possível que algum desastrado comente "como ele deve se aborrecer em seu país natal!"

Fala das muitas decepções que um estrangeiro pode ter na França. Ele não deve assustar-se, falando de literatura estrangeira, se o francês pensa que o primeiro romance escrito em língua inglesa foi "E o vento levou.."

E depois de muita autocrítica diz Lacretelle: "Mas agora, escute isto. Não se sabe como, mas o fato é este: esse povo rabujento, egoísta, avaro, presunçoso, criou para os estrangeiros condições de vida incomparáveis. Será o clima, ou a paisagem, o cheiro da boa cozinha? Sim, sem dúvida, mas há algo mais. Sobre ali um espírito de independência que não se respira em nenhuma outra parte. Você o sente desde que pisa a França. Na cidadezinha mais velhota e sem vida existe esse sopro. Foi ele que formou a raça, desenhou a fachada das casas, e pôe em movimento a juventude. A pequena devota que vai à reza é livre, e livre é esse garoto malvado que joga pedra nos passarinhos. Livre também aquêle casal que, em pleno meio dia, se beija em um banco diante do guarda. Mesmo os poetas comunistas cantam a liberdade. E' mais forte do que eles. E' isso o que atrai em França".

8/10/50

R. B.

~  
RN

sempre

202